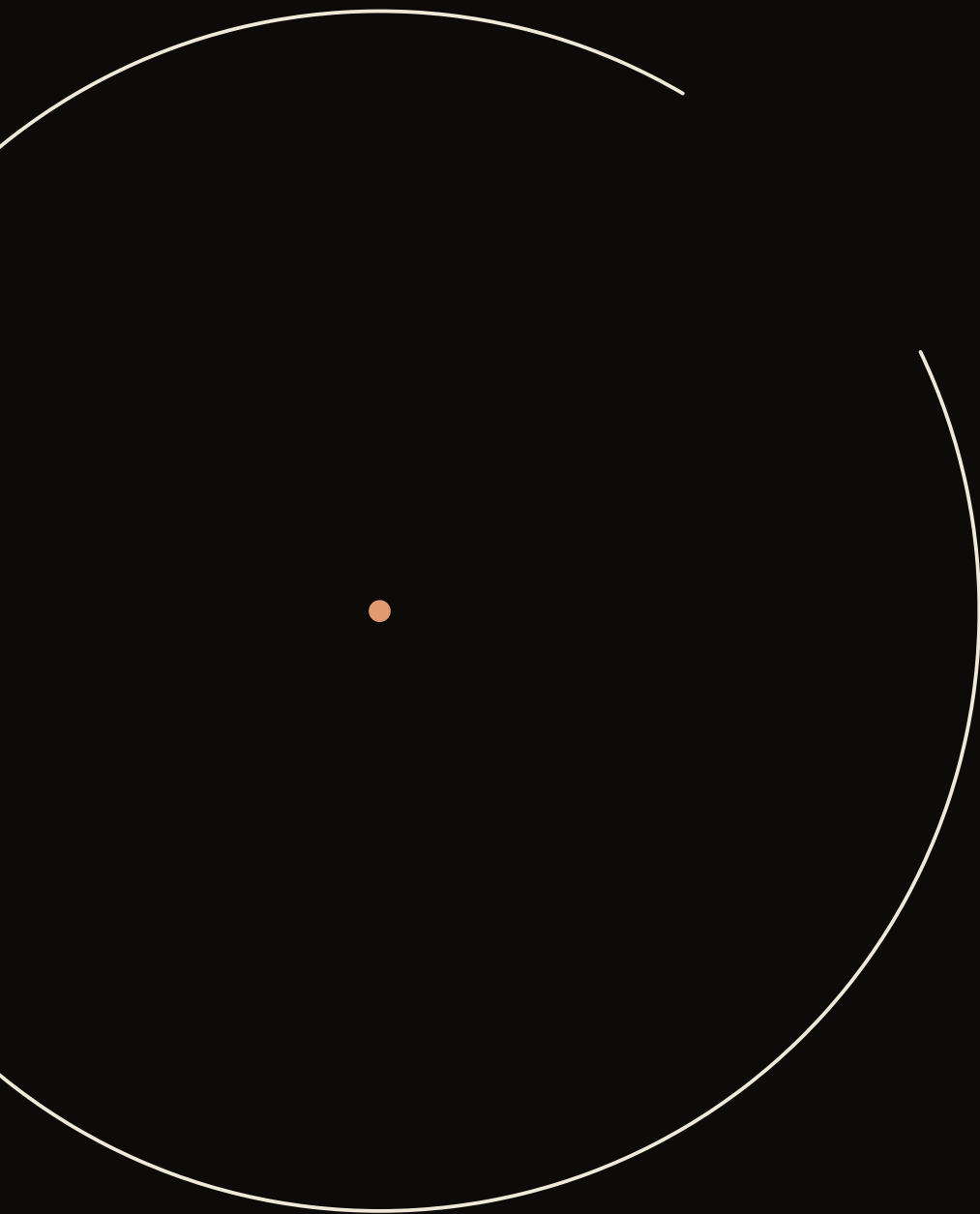


NO EM ÁFAGOS

Danilo de Athayde



ÍNDICE

MORDIDA	3
MEIOS	4
ERRATA	5
PORQUE SIM	7
PORQUE NÃO	9
A FACE	12
DOBRE	14
MEIA-VOLTA	17
TRANSUNTO	18
HORROR VACUI, SÃO FRANCISCO	20
AGOSTO	23
INTERIOR COM FIGURA AO FUNDO	25
A MESMA FRASE	27
TRAÇA	29
VERBETE	30
BUSTROFEDÓN	32
A CIFRA	34
VAZANTE	35
AS COSTAS	38
POR JUDAS	42
O ARROMBAMENTO	44

N O E M Á F A G O S

M O R D I D A

uma fome se fechou sobre a luz.
isto aqui é o interior da mordida.
passe o dedo por qualquer coisa:
marcas de dente.



M E I O S

Sigo em frente há anos, até ti.
desmontam a rua atrás de mim,
no mesmo meio-dia de sempre,
e a remontam, sem pressa nenhuma,
mais adiante, cada vez
com mais peças faltando.

sigo em frente. desmontam a rua
atrás de mim e a remontam
mais adiante, peças faltando.

sigo em frente. a rua,
mais adiante, faltando.

sigo em frente, faltando.

sigo faltando.

faltando.



E R R A T A

Onde se lê estrelas ~~fixas~~,
leia-se estrelas
(quem se mexia era o adjetivo).

Onde se lê epiciclo, risque-se:
~~epiciclo~~. Riscada, a roda ainda roda.

Onde se lê ~~flogisto~~, leia-se oxigênio,
e ponha de cabeça pra baixo o sentido de toda chama.

Mas onde se lê o sol se pôs, por favor, deixe estar.

Onde se lê ~~em sete dias~~,
leia-se ainda.

Onde se lê ~~no centro~~,
leia-se a bordo.

Onde se lê ~~a voz do meu pai era um trovão~~,
leia-se: era um homem com medo, e eu pequeno.

Onde se lê ~~para sempre~~,
leia-se até a maré virar.



Onde se lê ~~e eu~~, leia-se pra fora;
pra fora de quê, aguarde-se a errata seguinte.

Onde se lê Deus existe, e onde se lê Deus não existe,
risque-se o verbo:
Deus ~~existe~~. Deus não ~~existe~~.
Deixe-se o nome rodando,
pião que ninguém mais açoita.

Mas onde se lê eu, por favor, mantenha-se eu.

Sei da emenda. Sei que melhora o texto.
Leiam errado comigo mais um pouco.
Um dia ainda me risco.

Esta errata cancela as anteriores.
As próximas já se encontram no prelo.



PORQUE SIM

Antes do sono ela pergunta por quê,
e eu respondo, e dentro da resposta
mora outra pergunta,
como na boneca mora outra boneca
e na chave outra fechadura.

Por que a chuva. Porque a nuvem.
Por que a nuvem. Porque o mar,
quando o sol o chama, sobe.
Por que o sol. Por que o chamado.

Cada resposta é uma porta
empurrada para um corredor de portas,
e as palavras com que explico
são mais escuras que a coisa explicada.

Descemos juntos os porquês
contando os degraus no escuro,
até que a escada acaba
e ainda não é o chão.

Digo então: porque sim.



As duas palavras deitam tábuas
sobre o poço, grama sobre as tábuas
e, sobre a grama, um quintal.

Dou-lhe um chão que não tenho.
E ela dorme. E o chão que não existe
sustenta, a noite inteira,
o peso de um pardal.

Um dia ela vai saber
que tudo o que há começou
como esta noite,
com um porque sim dito baixinho
para que alguém pudesse dormir.



P O R Q U E N ã o

Fico. Piso devagar as mesmas tábuas
e elas rangem fino
Um pardal elas seguram. Um homem, não.
Ouço a água que continua caindo.

Tiro, uma a uma, as tábuas que pus,
boca aberta para as estrelas,
e sento na beira, as pernas para dentro,
como quem senta na beira de uma cama.



(Eu já desci essa escada sozinho.
Ninguém contava os degraus comigo.
Desci o primeiro, ainda com certeza.
O segundo, que já era costume.
No terceiro, perguntei ao terceiro
se ele existia, e ele rachou,
e da fenda nasceram dois degraus menores,
e perguntei a esses dois.
Guardei os dois, os quatro, os oito.
Uma plantaçoão cresceu no escuro.
Quando acabaram os degraus que havia,
continuei pelos que iam nascendo.
Duvidei da água. Duvidei do som da água.
Duvidei, por fim, deste ouvido.
Quando não sobrou mais nada em que duvidar,
uma coisa continuou, do tamanho de uma pergunta,
e essa, até hoje, não consigo.)

Cada pergunta que não fecho
é uma casa onde ainda cabe gente.

Esta noite eu não desço. Fico na beira,
os pés no primeiro degrau, o único
que ainda aguenta um homem inteiro.



A água lá embaixo muda de conversa
conforme a noite passa por nós dois.
Antes falava só de fundo.
Depois, de frio. Agora, de vez em quando,
solta uma palavra que parece minha.

(É uma vigília, esta,
de quem gosta tanto de uma coisa
que prefere ficar na janela
a resolvê-la depressa e ir dormir.)

Um dia ela vai saber
que tudo o que há começou assim:
com um porque sim dito baixinho
sobre uma água que eu ainda ouço.

Antes que ela acorde, ponho as tábuas de volta.
Por cima, a grama. Por cima, o dia.



A F A C E

Ninguém viu nada.

A noite, como as outras, ia dar na torre.

Do mecanismo nos dão o mostrador.

Do que passa, nos cabe o ir embora.

Metade sempre, e nunca a mesma metade.

As horas vinham atadas como contas.

Faltava pouco para alguma hora.

Os que dormiam continuavam certos.

Eu não olhava. Aprendi cedo que não se olha.

Eu fechava tudo o que tem fecho.

O que é grande se ouve com os ossos.

Não existe atrás para o que soa.

Uma.



Não existe atrás para o que soa.
O que é grande se ouve com os ossos.
Eu fechava tudo o que tem fecho.
Eu não olhava. Aprendi cedo que não se olha.
Os que dormiam continuavam certos.
Faltava pouco para alguma hora.
As horas vinham atadas como contas.
Metade sempre, e nunca a mesma metade.
Do que passa, nos cabe o ir embora.
Do mecanismo nos dão o mostrador.
A noite, como as outras, ia dar na torre.
Ninguém viu nada.



NOEMÁFAGOS

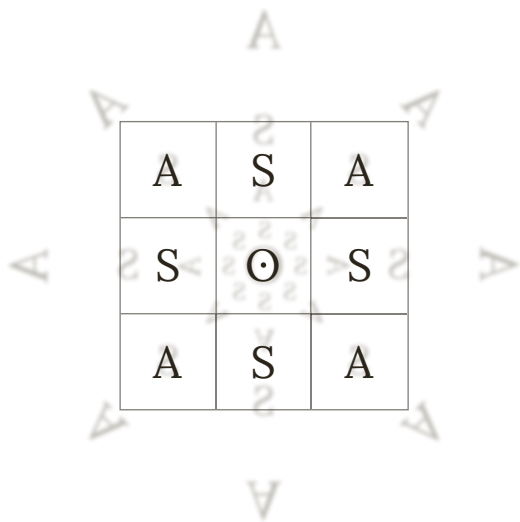
DOBRE

A	S	A
S	⊙	S
A	S	A

frente







contra a luz



N O E M Á F A G O S

M E I A - V O L T A

no fundo do telescópio
meu olho, invertido,
trabalha como víscera.

mas que jeito comprido
de dar meia-volta.



T R A N S U N T O

Quem promete o mundo entrega uma bola.
Vêm mares lisos, sem um afogado
cordilheiras, arrepio no plástico,
e as fronteiras, em pontilhado,
confessando o desenho que são.

Vem torto de fábrica. O eixo
inclina no grau que, lá fora,
custa os invernos. Qualquer lâmpada
serve de sol. Com um dedo
se faz meia-noite em Java.

Um centímetro compra quatrocentos quilômetros.
Nesse câmbio, o que nos aconteceu
fica abaixo da menor moeda.
A rua onde envelheces é mais fina
que um fio deste verniz.



E a mão que o segura não consta do mapa,
larga demais para a legenda.

(Para constar, pedia um globo
onde coubesse inteira, e fora dele
outra mão, pedindo outro.)

Cansa antes do plástico.

Pousa-o, o peso
desce ao pé, do pé à mesa,
da mesa ao soalho, até o apoio
que não veio na caixa,

e tudo cai. Cai em volta
de uma lâmpada maior,
errando sempre o chão.



H O R R O R V A C U I , S ã o F R A N C I S C O

Mandaram dourar a sala:
acanto sobre acanto, anjo
empoleirado em anjo, talha
comendo o palmo entre talha e talha.

Que nada sobre; que nem a sombra
encontre um cotovelo de parede nua.
Folha sobre folha de ouro batido.

Mas no avesso da folha, cada átomo
abre uma nave maior que esta nave,
onde o núcleo,
mosca de catedral, zumbe
a léguas das próprias paredes.

Caçado em cada fresta, o vazio
compareceu à própria caça,
deixou que o vestissem de ouro
e reluz.



I I

(O tempo, que também não suporta
um palmo de parede desocupada,
prossegue a empreitada por conta própria,
vela sobre vela, incenso sobre incenso,
assenta sobre o ouro
a folha da fuligem.)

I I I

Reluzia.

Em setembro fui lá ouvir música
de quase nada. Três notas e as pausas
do tamanho da nave.

Por cima dela, o céu
de segunda mão, tábuas
pintadas de ar, nuvem a óleo,
azul por empreitada.
Por cima do céu, o vão
que não entrava na pintura.

Só meu ouvido ficou por forrar.
Nas pausas, trabalhava a madeira.
Tomei uma obra pela outra.



No dia cinco de fevereiro
o céu pintado veio abaixo
e as duas naves foram por fim uma só.

Embaixo, uma mulher
vinda de São Paulo
a São Francisco, ver o ouro de perto,
morreu debaixo do céu.

No alto, o maior palmo nu
da história da sala. Trataram
logo de cobri-lo. Desta vez, com lona.



A G O S T O

I

Deixamos os anéis à entrada
e lavamos dos braços o óleo.
É proibido tocar o fundo.
É proibido afundar.

O sol, de fevereiro a outubro,
passado o meio-dia,
entra em pé
e acende no ar a poeira
e desce aceso até o fundo.

Boio de bruços, de colete,
braços abertos.
Cinco andares abaixo,
pedra azul e troncos afogados,
minha sombra voando entre eles.

De mim até a sombra,
dizem, água.



O frio confirma
por um minuto.
Depois nem o frio.
O corpo acostuma.

I I

(Na foto que levo embora
sai tudo: pedra azul, troncos azuis,
poeira acesa, a sombra.
A água, mesmo revelada,
não sai.)

INTERIOR COM FIGURA AO
FUNDO

As paredes ainda estão mornas
de um forno que ninguém viu aceso.
Você dorme no cômodo do fundo.

Levo-te o café pelo corredor
onde há camas arrumadas
para quem envelhece no caminho.

As cartas que te escrevo daqui
amarelam no trajeto
e trazem selos de países
que ficam entre a cozinha e você.

O desenho que fiz da casa, para atalho,
ocupa hoje a ala oeste,
úmido, criando devagar
um mofo com feições de jardim.



Os rodapés convergem para um ponto
logo atrás do teu travesseiro,
é para lá que a casa, imóvel,
escoa.

O fundo da casa é uma quinta-feira
para onde rangem, pacientes,
as tábuas do assoalho.

Quando te viras no sono,
a casa inteira range e se corrige.

Chego a tocar o teu ombro. Não
o alcanço.

Teu corpo, adormecido,
é maior por dentro do que a casa.

Um dia a porta da frente vai aparecer
entre os móveis, destrancada.

Abre, como todas as outras,
para dentro.

A M E S M A F R A S E

(para Jorge Luis Borges)

o labirinto perfeito é uma linha reta.

o labirinto (sem monstro) perfeito (sem sobra) é uma linha
(sem espessura) reta.

o labirinto (o de Creta, dizem, coube depois numa moeda; a
moeda, num bolso; o bolso não foi mais visto) perfeito
(como um crime) é (por enquanto) uma (a que sobrou) linha
(de pesca: do outro lado, algo puxa) reta.

o labirinto (Ariadne, para me salvar, esticou o fio, e o fio teso,
aprendi naquela noite, é a planta baixa de um corredor)
perfeito (a língua chama assim o que acabou e ninguém
desconfia do elogio) é (o verbo também caminha, também
não alcança o predicado) uma (repartida sem fim, ainda dá
para todos) linha (de varal, atada entre mim e ti, a roupa vai
secando no caminho) reta (como a que ficou, certa noite, no
monitor: perfeita).



o (artigo definido, a menor porta da língua, por ela supõe-se que eu e tu já entramos no mesmo labirinto. ver, porém, a nota do professor A., que dedicou à palavra a cátedra e depois a vida (1911–1979), sustentando que todo artigo é ruína de um nome maior, gasto pelo uso como uma soleira (para a soleira, cf. o volume II, que não chegou a começar; para o volume II, cf. a viúva, que guardou as fichas numa caixa de sapatos (os sapatos eram 41 e continuam andando (a tartaruga, a essa altura, já ia na frente (para alcançá-la, ensinam, cumpre primeiro alcançar o ponto de onde ela partiu, e antes a metade desse caminho, e antes a metade da metade (há quem resolva andando; o andar, ver acima, ainda não começou (propôs-se o salto; foi indeferido (entre o pé e o chão descobriram-se comissões (a primeira reunião fixaria o início dos trabalhos; abriu-se, porém, com a leitura da ata da reunião anterior (lembrando agora que a rigor, antes do artigo caberia um estudo sobre o dedo que aponta (e antes do dedo, a mão (e antes da mão, a distância que a mão atravessa para apontar (assunto, aliás, do labirinto (que ainda não comecei a dizer (para dizê-lo eu precisaria alcançar a palavra seguinte, que está logo ali, a meio passo (antes do meio passo, porém, convém (

o labirinto perfeito é uma linha reta



T R A Ç A

Não sabe ler. Por isso não pula nada.
Come no mesmo passo a assinatura e a mancha,
a cláusula e a data da chuva.

Prefere a cola, o que unia.
Começa pelo lombo e desfaz o juramento
que mantinha as folhas na mesma opinião.

Comeu a palavra fome
e continuou com fome.

Comeu a palavra luz
e o túnel seguiu no escuro.

Fura o livro de capa a capa,
é a única leitura em linha reta.

E deixa, para o leitor seguinte,
um alfabeto rendado,
que só se lê erguendo a página
contra o dia.



V E R B E T E

linha reta, s.f.

1. Geom. A menor distância entre dois pontos; adverte-se: menor, jamais mais breve. Ex.: o labirinto perfeito é uma linha reta.
2. Fís. Caminho da luz quando nada a convence do contrário; ela o percorre sem gastar um segundo seu, gastando todos os nossos. Ex.: o labirinto perfeito é uma linha reta.
3. Topogr. A do horizonte: acompanha o observador no próprio passo; recua mais que o andado. Ex.: o labirinto perfeito é uma linha reta.
4. Cir. Sutura; traço que encerra pelo lado de fora o que prossegue aberto por dentro. Ex.: o labirinto perfeito é uma linha reta.
5. Med. Traçado do monitor quando alcança a perfeição (v. perfeito: do lat. perficere, acabar). Ex.: o labirinto perfeito é uma linha reta.



6. Jur. Diz-se do parentesco entre ascendentes e descendentes; por ela os mortos chegam aos vivos sem dobrar nenhuma esquina. Ex.: o labirinto perfeito é uma linha reta.
7. Mús. Corda: só afina presa pelas duas pontas; soa porque está impedida. Ex.: o labirinto perfeito é uma linha reta.
8. Poét. Verso; linha que se percorre sempre em frente para chegar sempre ao mesmo lugar. Ex.: o labirinto perfeito é uma linha reta.
9. Qualquer caminho, visto do fim. Ex.: o labirinto perfeito é uma linha reta.

Antônimo: não consta.

Ver também: ver.



BUSTROFEDÓN

Como vira o boi no fim da leira,
virava a linha na escrita dos antigos.
Ia até a borda e regressava escrevendo.

Escrita ao contrário para quem só vai;
mas o campo não tem um só sentido,
e quem lavra conhece os dois de cor.

De cor e de calo o boi conhece
a volta, que ele cumpre sem escolher;
na canga, é a volta que o conduz.

Conduzido, o sulco de ida semeia;
o de volta semeia às escondidas,
a sombra do plantado.

Plantada a sombra, o campo dobra.
Metade do que cresce cresce ao avesso,
raiz ao sol, espiga para baixo.

Para baixo do dizer há outro dizer
que acorda quando o nome vai à borda.
Vai semente, volta arado.

Arado e outro. Volta sem a força
que levou, volta fundo, devagar,
cheirando à terra que abriu.

Abre-se o último sulco. Acaba o campo.
O virar, esse, não acaba. No fim do fim
o boi vira para dentro do virar,

e a linha, já sem leira, vira em si;
e a isso que se volta e não se alcança
deu o latim, língua de arado,
o nome com que ainda hoje o lavramos,
universo.



A C I F R A

A Musa faltou, compareceu o dado.
O coro que girava o firmamento
cabe numa constante, e o seu ditado
já não pede ouvido, só instrumento.

Mediram véu por véu o antes sagrado
e acharam véus e véus, nenhum alento,
nenhum rosto no fundo do gravado:
um vítreo vulto, e dentro o vulto, vento.

Resta, do canto, um resto de calor
a três graus do zero, a assinatura
de um remetente extinto, e o estupor

de achar, na conta certa, a noite escura
maior. E ler, sem voz nem tradutor,
a cifra que não erra e não procura.

V A Z A N T E

O céu está baixando a voz. A luz
que ainda nos alcança, alcança grave,

como se cada mundo, ao se afastar,
falasse cada vez mais de dentro do peito.

O espaço engorda entre nós e as coisas,
e engorda mais depressa do que a luz

é capaz de atravessá-lo. Esta noite,
mundos inteiros passam, sem um gesto,

do ponto onde luz nova não nos chega.
De cada um já viaja a última luz,

que o caminho estica e vai gastando,
e atrás da última, em vez do escuro, o nunca.

Os que vierem tarde herdarão um céu
limpo como um teorema, uma ilha só,

nenhuma outra fogueira em todo o mar,
e instrumentos perfeitos confirmando



que sempre foi assim. Terão razão
com tudo o que puder ser conferido.

Terão razão, e estarão sós do modo
mais fundo que há, sem nem sabê-lo.

Lerão, no que deixarmos, que houve início
em brasa, e outras ilhas, e esta maré,

e hão de sorrir com a justa paciência
com que sorrimos hoje do elefante

que sustentava o mundo. O nosso fogo
será o elefante deles. E o método

que lhes ensinarmos mandará, sereno,
que duidem de nós. E estará certo.

Nós viemos cedo. É todo o nosso mérito.
A casa ainda está morna do princípio.

Encosta a mão em qualquer ponto da noite
e a noite devolve um resto de febre.

Somos, por pouco tempo, contemporâneos
de quase tudo. A vista morre com o dono.

O que deixarmos dito há de chegar
sem a luz que o confirmava, escritura

e disparate, as duas coisas, conforme
a noite de quem ler.

E numa noite longe, alguém, curvado
sobre um vidro extremo, verá tremer

um ponto que não devia estar ali,
pequeno demais para valer o espanto.

Vai limpar a lente devagar,
e o que restava do lado de fora,

o resto todo, sai no pano,
junto com o pó.

E o céu, então, estará perfeito.



A S C O S T A S

deponho porque voltei,
é essa a minha desqualificação.
Toda a natureza clama que ele é.
Mas natureza é o nome do que volta.
Coro de regressados. E o que clama
clama porque sobrou clamor e boca.
O visível é a ata do que vinga.
O real, plebiscito sem ausentes,
unânime à maneira dos cartórios.
Na guerra, um homem mediu os furos
dos bombardeiros que voltavam: asa,
cauda, leme — e pediam os generais
ferro ali. Ele disse: não. Blindai
o intocado, o motor, a cabine ilesa.
Quem foi ferido aí não consta do hangar.
A um, na fresta da rocha, coube ver
a glória já passando, pelas costas,
a dose que do fogo um corpo aguenta.
Consta: em Óstia, à janela do horto,
mãe e filho roçaram num suspiro
a sabedoria eterna... e recuaram
para que houvesse livro. O êxtase



coube na cláusula e rendeu capítulo.
Paulo subiu ao céu que tem um número,
ouviu o que dizer não era lícito
e desceu e disse ao menos o não-posso.
Lacrou, datou, pôs remetente. O inefável
com firma reconhecida prospera
mais do que o dito, e nunca o desmente.
Tomás ergueu a hóstia de dezembro
e viu. Do que viu temos o estrago.
A Suma estancada, a palavra palha,
o silêncio até março, quando a morte
o levou sem deixar recibo. E a palha
rendeu. O ser conduz tudo o que o nega
ao engenho, e do bagaço tira açúcar.
E Dante viu três giros de três cores
e de uma só medida, e confessou
que à alta fantasia faltou força,
mas não faltou ao verso. A terza rima
cruzou ilesa a visão, voltou trazendo
o infinito com selo de alfândega.
O metro é o passaporte do retorno.
Quem rima chegou vivo à última sílaba.
No Mecom, um só braço acima da água
sustentou o poema; o outro braço
— havia um outro braço — não bastou:
Dinamene desceu sem uma estrofe
que a vestisse, e o canto secou no mastro.
Na noite, o amor pesou menos que o papel.
Molly, no escuro, emborça o sim ao sim,



flor da montanha, e o século se fecha
num yes. Bonito e parcial como um espólio.
Agora lede o arquivo a contrapelo.
Semele quis a forma sem o empréstimo
das formas — e a forma plena é tal fornalha
que consome até o próprio consumir-se.
Quem viu a face, a face, e não seu rastro
de costas nas criaturas, não responde
ao censo. Não constar não é o avesso
de constar, é nem isso, nem medida
nem desmedida, surda às partidas
dobradas com que o ser se contabiliza.
Nem digo as flores que jamais subiram
à mais mínima hipótese da terra.
Até o irrealizado tem lombada
e o não nato é credor. Digo o que falta
à própria falta, o que não deixa o molde
oco com que a ausência se prova nos museus,
o que não chega ao luto nem ao zero.
Por isso a balança pende, e pende sempre:
num prato, as Confissões, as laudes, Molly,
o giro das esferas; no outro prato,
mas não há outro. O outro é o que
não compareceu. Pesar já é militar
no ser. A agulha nasce viciada
como nasce um templo.
E eu, que escrevo,
escrevo porque as costas foram-me
a face máxima entrevista, trago



no metro o selo do meu barco, e cada
verso atesta contra mim. Deponho
e o depoimento me devolve ao coro
dos que voltam. Não há vara que intime
a testemunha competente. Seu
não-estar é o corpo do testemunho
e citá-la seria já perdê-la.
Encerro os autos com a mão que tenho.
Toda natureza clama. E como não,
se o amor cinge o sol e os sobreviventes?

P O R J U D A S

Dante voltou. A cabeça ficou
dentro da boca. As pernas, para fora,
cumprem o que o escrito lhe entregou,

e o nome é outra boca que devora
o homem, enquanto deixa o ato exposto,
na boca de quem fala e vai embora.

De Judas trouxe as costas, não o rosto.
Quem volta fala por quem ficou. Preso,
não pode responder ao nome imposto.

No centro, trinta pratas perdem peso
(o mundo puxa tudo por igual).
O escrito passa pelo centro ileso

até nossa boca, no ritual.
Não pende o fiel. No verbo conjugado,
o réu recebe o peso desigual

de tudo o que entre todos foi passado.
Todos recebem. Por ele, ninguém
responde enquanto o pão é levantado.

Paulo escreve. O pão passa também:
“Recebi do Senhor o que entreguei
a vocês.” Quem entrega aqui a quem?

Na mesma frase, a mão que eu procurei
não vem: “naquela noite, foi entregue”.
O verbo não mudou. O resto, não sei.

O Pai não o poupa. O Filho segue
o escrito e se entrega. De mão em mão,
da boca ao ferro, o entregar prossegue

mudando de mãos. Muda a imputação
e o verbo passa limpo por inteiro,
até um nome arcar com toda a ação.

O mesmo verbo deixa dois herdeiros:
traição e tradição. Fica guardado
um nome para tantos mensageiros.

Jesus foi entregue por Judas. Riscado
o agente, a oração ainda o persegue.
Sem sujeito. Sem tempo. Apagado:

entregue.



O A R R O M B A M E N T O

Cansamos de esperar convite. Fomos
no escuro, de pé-de-cabra na mão
e acertamos somente nas paredes
e só naquelas que caíram
e a essas fomos chamando de portas.

Os golpes voltavam pelos braços
e os corredores, lá dentro, rendiam
com o passo, e o passo rendia.
A planta cotava, no centro, um cômodo
de três por quatro, sem janelas.
Chegamos ao lugar dele. A casa
não contava com aquele chão.

Nos lançamos à última das portas
e fomos dar de joelhos num campo,
o mesmo de onde viemos, uma noite
mais velho, o orvalho já subindo
da grama, as ferramentas ainda quentes.

A casa inteira dá para fora.



Quando saímos, ela ainda estava
sentada na pedra que sobrou da obra,
com o ar de quem passou a vida do lado de fora,
deposta, e visivelmente aliviada,
o véu batendo contra o vento.
Quando ainda lhe perguntam o segredo,
dá de ombros com o horizonte inteiro.

À luz da lanterna, no verso da planta,
ainda a debuxamos,
cada um do seu jeito errado.
Ela posa. Acha graça
de sair sempre diferente
e de nunca sair.

Quando um de nós pousa a marreta
para amarrar o sapato, o cabo
demora a largar-lhe os dedos. Ela
apanha a lanterna e a muda de lado,
até tirar de cima do nó
a sombra das mãos.

